

A TOXICIDADE DA ANILINA E O TINGIMENTO NATURAL NA CESTARIA KAINGANG

ANILINE TOXICITY AND NATURAL DYEING IN KAINGANG BASKET WEAVING

Elvira Nivagtanh Crespim

UEM

Florêncio ReKayg Fernandes

UFPR

Júlia Tiemi

UEM

Sheilla P. Dias de Souza

UEM

Resumo: O artigo reflete sobre experiências com pigmentos naturais em substituição à anilina para o tingimento da cestaria Kaingang. Dessa forma, verificamos a partir de experiências estéticas o uso de pigmentos naturais no tingimento da cestaria Kaingang como estratégia para a retomada de conhecimentos ancestrais, tomados a partir de uma intervenção artística com pigmentos naturais em um cesto Kaingang.

Palavras-chave: Ensino de Arte. Arte indígena. Tingimento natural. Anilina.

Abstract: *The article reflects on experiences with natural pigments replacing aniline for dyeing Kaingang basketwork. In this way, we verified, from aesthetic experiences, the use of natural pigments in the dyeing of Kaingang basketwork as a strategy for recovering ancestral knowledge, taken from an artistic intervention with natural pigments in a Kaingang basket.*

keywords: *Art Teaching, Indigenous ar, Natural dyeing, Aniline.*

A ausência de informação e orientação sobre o uso de produtos tóxicos para os indígenas

Nos encontros realizados pelo grupo de extensão Arte e cultura indígena: interações estéticas e interculturais observou-se, na interação entre estudantes do curso de Artes Visuais da UEM e professores e artistas Kaingang da Terra Indígena Ivaí (PR), que não há conhecimento sobre a toxicidade da anilina. O povo Kaingang que visita a cidade de Maringá para comercializar sua cestaria, costuma há muitos anos utilizar a anilina para o tingimento da taquara (*Guadua angustifolia*), matéria prima utilizada nos cestos.

De acordo com a ficha de informação de produto químico da companhia ambiental do Estado de São Paulo (CETESB) e estudos de Araújo; Silva; Carvalho e Suzuki (2016), a anilina, também conhecida como aminobenzeno, fenilamina ou óleo de anilina, tem a aparência de um líquido aquoso, sem coloração em condições ideais de temperatura e pressão, ou marrom, quando exposta à luz ou ao ar, com fraco odor e que afunda, lentamente na água. É classificada como uma substância tóxica. Como medidas de segurança é recomendável evitar o contato com o líquido e o vapor da anilina, que é tóxico quando aquecido. Deve-se utilizar roupas, luvas, botas e máscara facial de proteção para manusear baixas concentrações do produto.

A anilina é venenosa, se exposta à pele e ingerida, além de ser irritante para os olhos. Em caso de intoxicação, deve-se remover as vestimentas contaminadas, enxaguar com muita água e chamar um médico. No que diz respeito à poluição da água, a anilina é um óleo pouco solúvel em água, sem coloração e com cheiro moderado, sendo pouco tóxica para o ser humano e muito tóxica aos organismos aquáticos, com efeitos duradouros, ainda segundo os estudos citados.

Tiegs; Zambon; Campana; Nunes (2018) apontam que a anilina à base de álcool para tingi-

mento de madeira pode ser tóxica quando em contato com a derme. Dentre as substâncias que a compõem, algumas estão ligadas a casos de câncer na bexiga humana, irritação na pele e vias respiratórias. Outras substâncias podem ser absorvidas pela pele e causar efeitos como dor de cabeça, sonolência, tontura, perda de consciência, entre outros. Um componente corante xanteno, por exemplo, foi desenvolvido para o uso como para inseticida contra pragas.

Em conformidade com as pesquisas realizadas nas Faculdades Oswaldo Cruz (2003), a anilina apresenta diversos efeitos para a saúde, como irritação ao contato com a pele ou com os olhos; irritação da via respiratória, tosse, dispnéia, edema pulmonar ao ser inalada; irritação da via digestiva, náusea, vômito, dores abdominais, hipermotilidade intestinal e/ou diarreia, caso ingerida; podendo agir no sistema nervoso central, ocasionando cefaleia, depressão geral, tontura, torpor, vertigem, sonolência, narcose, perda de memória e possibilidade de dificuldade respiratória.

Considerando a necessidade de oferecer alternativas para o tingimento da taquara e tendo em vista a importância de retomar práticas ancestrais Kaingang que não oferecem riscos à saúde humana e ao meio ambiente iniciamos, junto aos indígenas Kaingang Florêncio ReKayg Fernandes e Elvira Crespin, a pesquisa e experimentação no tingimento com plantas e processos com o uso de cera de abelha jataí (*Tetragonisca angustula*).

Goj Than, as águas azuis

A criação *Goj Than* foi idealizada pelo professor Kaingang Florêncio ReKayg, Sheilla Souza e Júlia Tiemi, estudante do curso de Artes Visuais. Florêncio fez mestrado em Educação na UEM e é o único professor do grupo de extensão que não dá aula na Terra Indígena Ivaí, pois reside na Terra Indígena Rio das Cobras, também no Paraná.



Figura 1. Goj Than, águas azuis. Pintura com corantes naturais sobre cesto Kaingang. Julia Tiemi, Florêncio Reykág Fernandes e Sheilla Souza. 2021

A proposta de pintura do cesto (Figura 1) é uma homenagem ao avô de um membro da comunidade, chamado Olegário Goj Than. “Goj Than significa ‘águas azuis’ na língua Kaingang. Utilizamos corantes naturais como o jenipapo (*Jenipa americana*) e substâncias utilizadas como medicamentos, como o azul de metileno. Decidimos no grupo criar uma pintura com vários tons de azul sobre o cesto Kaingang, na homenagem ao avô de Florêncio. O trabalho foi transformado em uma colagem digital e fez parte da exposição *Índigenas pioneiros em Mariguã*¹.

¹ <https://www.hojemais.com.br/maringa/noticia/cultura/exposicao-virtual-indigenas-pioneiros-em-mariguã-reune-24-obras-que-promovem-interacoes-esteticas-e-interculturais>

Nhara

A obra “Nhara”, produzida por Elvira Crespin, é uma criação compartilhada entre ela e o coletivo Kókir, a partir das pesquisas com a planta *crajiuru* (*Arrabiidea chica*) utilizada pelos Kaingang no tingimento da cestaria. Escolhemos os pigmentos naturais como uma forma de retomar conhecimentos ancestrais indígenas e uma alternativa ao uso da anilina, substância tóxica ao meio ambiente.

O trabalho fez parte da exposição “Nhara, memória de sinais ancestrais”, apresentada entre setembro e outubro de 2021 no Centro de Ação Cultural em Maringá (figura 2). A exposição é parte do projeto com o mesmo nome, contemplado no edital Convite às Artes Visuais, promovido pela Secretaria Municipal de Maringá.



Elvira relatou, durante o processo de criação de “Nhara” que sua avó costumava retirar as folhas da planta utilizada no tingimento da taquara (crajiru, cipó cruz ou penu va pé na língua Kaingang) e deixava secando embaixo da própria planta. Depois de seca a folha torna-se avermelhada, cor que é obtida após a fervura das talas da taquara.

Primavera Indígena

Os resultados obtidos a partir dos processos de criação compartilhada realizados no projeto de extensão mostraram aspectos fundamentais

para o fortalecimento de ações para a retomada dos saberes ancestrais Kaingang. Ainda há muito caminho a ser percorrido nas pesquisas junto ao povo Kaingang da Terra Indígena Ivaí. Destacamos a importância da associação Indigenista – ASSINDI – Maringá², local de moradia de Elvira e outros estudantes universitários indígenas e artistas Kaingang que lá se hospedam durante sua perma-

Figura 2. Vista parcial da exposição “Nhara, memória de sinais ancestrais”. Fotografia: Angélica Viscardi. Centro de Ação Cultural (CAC) – Maringá (PR), 2021.

² A ASSINDI existe em Maringá desde 1999 e tem sido referência no Estado do Paraná para a criação de centros de acolhida dos indígenas em outras cidades. Mais informações sobre a entidade podem ser acessadas no site: www.assindi.org.br

nência na cidade para a venda de sua cestaria. O reconhecimento de sua arte, por parte da população ainda é praticamente inexistente, contudo, é por meio de ações como exposições, feiras, palestras e a escrita coletiva sobre os conhecimentos indígenas, como é o caso do presente texto, que as mudanças começaram a surgir.

Referências

Anilina 2003. Disponível em: <https://www.yumpu.com/pt/document/read/14925337/anilina-faculdades-oswaldo-cruz> > Acesso em: 29 set. 2021.

CETESB - Emergências Química - Produtos. Disponível em: < https://sistemasinter.cetesb.sp.gov.br/produtos/ficha_completa1.asp?consulta=ANILINA > Acesso em: 30 mar. 2021.

TIEGS, L. M. R.; ZAMBON, C. P.; CAMPANA, G. A.; NUNES, J. da S. O RISCO DO USO DE PRODUTOS NÃO-COSMÉTICOS: A ANILINA À BASE DE ÁLCOOL: Imagem: Power Corantes. **Revista Científica da Faculdade de Educação e Meio Ambiente**, [S. l.], v. 9, n. edesp, p. 590-596, 2018. DOI: 10.31072/rcf.v9iedesp.619. Disponível em: <<http://www.faema.edu.br/revistas/index.php/Revista-FAEMA/article/view/rcf.v9iedesp.619>> Acesso em: 30 mar. 2021.

JÚNIOR, Francisco Agostinho do Nascimento; ARAÚJO, Gabriel Guimarães de; SILVA, Jordana Tavares; CARVALHO, Kaccnny de Matos; SUZUKI, Lorryne Lins. **Planta de Produção de Anilina**. 2016. 185f. Graduação (Trabalho de Conclusão de Curso de Engenharia Química). Universidade de Brasília, Brasília. Disponível em: < https://bdm.unb.br/bitstream/10483/17256/1/2016_Francisco_Gabriel_Jordana_Kaccnny_Lorryne_tcc.pdf > Acesso em: 30 mar. 2021.

Elvira Nivagtanh Crespim

Estudante de Pedagogia na UEM.

Florêncio ReKayg Fernandes

Doutorando em antropologia pela UFPR.

Júlia Tiemi

Estudante do Curso de Artes Visuais na UEM.

Sheilla P. Dias de Souza

Artista e Professora adjunta na Universidade Estadual de Maringá (UEM), membro do coletivo Kókir e da Associação Indigenista – ASSINDI - Maringá